

The text that follows is a REPRINT
O texto que segue é um REPRINT.

Please cite as:
Favor citar como:

Fearnside, P.M. 1997. Comentários de Philip M. Fearnside (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA) [sobre FLORAM: História e Endereço Social de um Projeto]. pp. 142-145 In: U.G. Cordani, J. Marcovitch & E. Salati (eds.) *Rio-92 Cinco Anos Depois: Avaliação das Ações Brasileiras em Direção ao Desenvolvimento Sustentável Cinco Anos Após a Rio-92*. ABC, CNPq, IEA & FBDS, Sao Paulo, Brazil. 307 pp.

The original publication is available from:
A publicação original está disponível de:

Instituto de Estudos Avançados (IEA), Universidade de S. Paulo, São Paulo..

Comentários de Philip M. Fearnside (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA)

O trabalho do Professor Ab'Sáber (1997) apresenta informações sobre como os 20.000.000 ha de plantações silviculturais previstos pelo Projeto FLORAM poderiam ser implantados, sem causar resultados negativos na área social. A ênfase sobre os aspectos sociais da implantação destas plantações é importante, sobretudo porque estes aspectos são muitas vezes os mais esquecidos em discussões sobre o tema em pauta: “Reflorestamento como técnica de seqüestro de carbono”.

1. Fatores sociais na expansão da silvicultura

O Professor Ab'Sáber visualiza o Projeto FLORAM como dividido em blocos relativamente pequenos, fazendo com que a população local tenha espaço suficiente para produção de alimentos nas áreas entre os blocos silviculturais: “prevê-se a possibilidade de uma só empresa estabelecer bosques plantados, de 10.000 a 15.000 hectares, desde que separados entre si e de seus vizinhos através de inter-espacos da ordem de 50 a 70 km, no mínimo”. É claro que isto difere do padrão atual, onde várias empresas têm mais de 200.000 ha de

Infelizmente, os aspectos sociais das plantações para carvão vegetal são muito menos atraentes do que os da celulose, como indica a polêmica dos últimos anos sobre a existência de escravidão no Brasil como sistema intimamente ligado à indústria de transformação da lenha em carvão vegetal em Minas Gerais e na área de Carajás (ver: Pachauski, 1994; Ribeiro, 1994; Sutton, 1994).

Outro problema é o da chamada *leakage* (vazamento) dos benefícios de carbono, ou seja, os projetos causam efeitos em outros locais através dos mercados para produtos, fluxos migratórios de pessoas, etc. (Fearnside 1996a). No caso de plantações, os produtos fabricados da madeira substituem produtos que, na ausência do projeto, teriam sido derivados de madeira vinda de outras fontes (florestas naturais ou plantações em outras partes). Fica como ganho líquido apenas o aumento no estoque total de produtos que poderiam ocorrer devido a maior disponibilidade (e menor preço) destas mercadorias resultantes da existência do projeto (que sempre seria muito menor que a saída total de produtos do projeto).

O problema fundamental é a prioridade que se deve dar ao combate ao desmatamento *versus* a implantação da silvicultura, já que os recursos existentes para programas de combate ao efeito estufa são sempre limitados. Estas duas abordagens fatalmente competem entre si. No caso da Facilidade Global do Meio Ambiente - GEF, que administra verbas destinadas, sob a Agenda 21, para combate ao efeito estufa, os procedimentos adotados fazem com que esta competição seja direta. A verba é um bolo que primeiramente fica dividido em fatias fixas para o setor energético e para o setor florestal; dentro da fatia do setor florestal, no entanto, cada dólar gasto em silvicultura significa um dólar a menos gasto no combate ao desmatamento.

As emissões brasileiras devido ao desmatamento na Amazônia são muito grandes e qualquer redução na taxa de desmatamento, portanto, traria grandes benefícios em termos de carbono (Fearnside, 1996b, 1997). Como projeto, diminuir desmatamento é muito mais atraente que o fomento de plantações de silvicultura para combate ao efeito estufa (Fearnside, 1995). A maneira como os benefícios da floresta são calculados com relação ao carbono também fazem grande diferença no valor dado à manutenção de florestas nativas para evitar o aquecimento global. Crédito para manutenção do estoque de carbono (ao invés de apenas dar crédito para mudanças líquidas nos fluxos anuais de carbono) daria muito mais valor à Floresta Amazônia, e ganhar reconhecimento por este serviço ambiental deve ser uma forte prioridade para a diplomacia brasileira (Fearnside, 1996c).

O dilema em que o Projeto FLORAM aí colocado com a competição entre implantação de silvicultura e o combate ao desmatamento precisa ser enfrentado. Obter fundos “novos e adicionais” sempre foi exigido na época da elaboração da Agenda 21 (significando que verbas destinadas à Agenda

21 não seriam retiradas de dinheiro que, de outra forma, seriam gastos com atividades na área do meio ambiente). No entanto, fundos “novos e adicionais” (por exemplo para silvicultura através do Projeto FLORAM, sem afetar a prioridade dada ao combate ao desmatamento) parece um ideal muito difícil de ser conseguido na prática.

3. Literatura citada

- FEARNSIDE, P.M. 1995. Global warming response options in Brazil's forest sector: Comparison of project-level costs and benefits. *Biomass and Bioenergy* 8(5): 309-322.
- FEARNSIDE, P.M. 1996a. Socio-economic factors in the management of tropical forests for carbon. p. 349-361. In: M.J. Apps & D.T. Price (compiladores) *Forest Ecosystems, Forest Management and the Global Carbon Cycle*, NATO ASI Series, Subseries I *Global Environmental Change*, Vol. 40. Springer-Verlag, Heidelberg, Alemanha. 452 p.
- FEARNSIDE, P.M. 1996b. Amazonia and global warming: Annual balance of greenhouse gas emissions from land use change in Brazil Amazon region. In: J. Levine (compilador) *Biomass Burning and Global Change*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, E.U.A. (no prelo).
- FEARNSIDE, P.M. 1996c. Environmental services as a strategy for sustainable development in rural Amazonia. *Ecological Economics* (no prelo).
- FEARNSIDE, P.M. 1997. Greenhouse gases from deforestation In Brazilian Amazonia: Net committed emissions. *Climatic Change* (no prelo).
- PACHAUSKI, F. 1994. Trabalha, escravo. *Isto É* (Brasília). 04 de maio de 1994. p. 32-35.
- RIBEIRO, A.Jr. 1994. Carvoeiros são 'escravos' em MG. *Folha de São Paulo* 31 de julho de 1994. p. 1-1 & 1-12.
- SUTTON, A. 1994: *Slavery in Brazil— A Link in the Chain of Modernization*. Anti-Slavery International, London, Inglaterra.

Comentários de Werner Zulauf (Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SP)

O Prof. Aziz Ab'Sáber dá nova vestimenta ao Projeto FLORAM numa feliz condensação de 5 anos de reflexões, debates e reuniões sobre o tema.

Recorde-se que o FLORAM foi desenvolvido para ser uma das bandeiras